

Entrevista de Julian Assange com Moazzam Begg e Asim Qureshi

[OFF] Eu sou Julian Assange. Editor do Wikileaks. Nós expusemos os segredos do mundo. *Esses documentos pertencem ao governo americano.* Fomos atacados pelos poderosos. *Os Estados Unidos condenam fortemente... Ei, pare de fazer perguntas! Ele infringiu a lei. Atirem ilegalmente no filho da...* Há 500 dias eu estou detido sem acusação, mas isso não nos deteve. Hoje estamos em busca de ideias revolucionárias que possam mudar o mundo amanhã.

Essa semana eu tenho dois visitantes. Moazzam Begg esteve preso por anos em Guantánamo sob a suspeita de ser integrante da Al-Qaeda. Depois da pressão do Reino Unido, ele foi libertado em 2005, sem acusações. Junto a Asim Qureshi, ex-advogado corporativo, ele agora faz campanha por outros detidos na guerra contra o terrorismo com a organização *Cageprisoners*.

O Estado de Direito e o devido processo legal são o centro da campanha deles. E eu quero saber como isso se encaixa com a lei islâmica da Sharia. Se os muçulmanos formassem um super Estado, como seria o sistema legal?

JA: Quando você estava em Guantánamo, você assinou uma confissão. “Eu estava armado e preparado para lutar ao lado do Taleban e da Al-Qaeda, contra os EUA e outros, e em dado momento, me retirar para Tora Bora quando nossas linhas de frente entrassem em colapso. Conscientemente forneci assistência aos membros da Al-Qaeda ao hospedar suas famílias, ajudar a distribuir propaganda da Al-Qaeda e receber membros de acampamentos terroristas, sabendo que alguns recrutas podiam virar agentes da Al-Qaeda e cometer atos de terrorismo contra os Estados Unidos.” Então, esse linguajar... é assim que você fala normalmente?

MB: Não, eu não falo assim normalmente.

JA: Parece que isso veio de um estatuto de leis.

MB: É. O que me levou ao ponto em que eu assinaria algo como isso foi ser amarrado com meus braços para trás, junto às minhas pernas, com um capuz na minha cabeça, sendo socado e chutado, ouvindo o som de gritos de uma mulher na sala ao lado, que eles me fizeram acreditar que era minha esposa. As fotos dos meus filhos sendo mostradas para mim. Sendo perguntado por esses interrogadores: “Quando você acha que vai vê-los de novo? O que você acha que aconteceu com eles na noite em que nós te tiramos de lá? Onde você acha que eles estão agora?”. Todas essas referências, que claramente sugeriram para mim que a única saída era desistir e assinar qualquer coisa que eles quisessem ou resistir e

deixar de me importar com o que aconteceria com a minha família. Essas eram as escolhas que eu tinha. E sendo assim, é claro que eu tinha que assinar.

JA: Sim. Então quando você saiu, se juntou ao *Cageprisoners* e lutou pelas pessoas que tinha conhecido em Guantánamo e em outros lugares, para que fossem libertados e tratados com o devido processo legal. E uma coisa incrível: nós descobrimos um documento diplomático do Wikileaks, de 2010, sobre você. É da embaixada americana em Luxemburgo, respondendo a Washington. Diz que você esteve em Luxemburgo fazendo campanha para que Luxemburgo recebesse presos de Guantánamo. “Mr. Begg está fazendo nosso trabalho por nós. Sua apresentação articulada e racional faz com que seus argumentos sejam convincentes. É irônico que depois de quatro anos de prisão e de alegar torturas, Moazzam Begg está enviando a mesma mensagem ao governo de Luxemburgo que nós: por favor, considerem aceitar detentos de Guantánamo para realocação”. Como isso faz você se sentir? Que a administração de Obama agora veja você como embaixador deles?

MB: Bom, não faz muito bem pra minha credibilidade nas ruas... Mas é suficiente dizer que se as palavras da embaixada dos Estados Unidos tivessem sido levadas em consideração seria uma coisa... mas eu tenho muita certeza de que eu ainda sou considerado um inimigo de combate.

JA: Vamos falar sobre esse enfoque. Então, o papel dos *Cageprisoners* é tentar fazer com que prisioneiros sejam libertados, ou que tenham pelo menos fazer com que eles tenham o devido processo legal, e advogar em favor deles. Mas agora nós vemos que a administração dos EUA está usando ataques de *drones* para matar radicais muçulmanos ao redor do mundo. Será que o *Cageprisoners* está ficando sem trabalho com esse novo tipo de guerra? Porque ao prender alguém em Guantánamo, ele se torna um problema político. Se você simplesmente os mata com drones, eles só são problemas políticos até a morte, mas depois... Se existe um homem, não há problema.

MB: Quem dera nós estivéssemos sem trabalho. É muito doloroso trabalhar com pessoas nessa situação e os seus familiares. Eu costumava dizer que Bush era o presidente do governo em que as detenções extrajudiciais estavam acontecendo. Mas o Obama é o presidente do governo em que as mortes extrajudiciais estão acontecendo. Então, Obama prometeu uma mudança, disse que a mudança tinha chegado à América. E é isso: a mudança é de detenções extrajudiciais para mortes extrajudiciais.

JA: Assim, em uma reunião em 2006 você disse em uma linguagem dura: “Quando vemos nossos irmãos e irmãs lutando e conversando no Iraque, na Palestina, na Caxemira, no Afeganistão, sabemos onde o exemplo está. Quando vemos o Hezbollah derrotando os exércitos em Israel, sabemos qual é a solução e onde está

a vitória. Sabemos que nos está incumbido, a todos nós, apoiar a Jihad de nossos irmãos e irmãs nesses países, onde quer que eles enfrentem a pressão do Ocidente”. Eu vi esse vídeo e para mim parece um muçulmano enfurecido pregando a *jihad*. Por que você disse isso?

AQ: Isso aconteceu no contexto do bombardeio de Israel a Cana, em que mataram centenas de civis em 2006. O que você tem que entender é que, até onde os muçulmanos sabem, eles estão sob ataque em países ao redor do mundo todo. Há centenas de milhares de pessoas morrendo. E se você olhar o conceito de *jihad* no contexto atual, ele diz que, como muçulmanos, temos o direito de nos defendermos. Não tem sentido dizer que as pessoas que estão sendo mortas por ocupações, domínios coloniais, racismo, não devem se defender e devem continuar levando tapas, sendo estupradas, que elas não têm a permissão de se defender.

JA: Defesa aqui significa resistência militar.

AQ: Claro, e todos esses países deveriam... Mas esse não é o discurso completo. Naquele discurso eu disse que nós, muçulmanos no Reino Unido, devemos apoiar essas pessoas fazendo *lobby*, campanhas, tentando efetivamente ajuda-los, e eu acredito muito nisso, que é nossa obrigação. Não é que o conflito seja a solução, lutamos contra isso –eu mesmo, particularmente. Não acredito que violência seja a solução. O diálogo é a única solução. Mas ao mesmo tempo acredito que todos têm o direito de se defender.

JA: Mas e essa defesa? Vamos dizer, por exemplo, o caso da Chechênia, no caso do ataque a escola em Beslán, onde 300 e tantas pessoas morreram. Quer dizer, também existem milhões de problemas na Chechênia com os russos. Mas nesse caso eles diriam, os terroristas chechenos, que eles estavam defendendo a Chechênia. Esse é um tipo de defesa aceitável?

AQ: Não é algo que eu concorde totalmente. Não acho que é OK, que é o jeito certo, segundo o Islã, de fazer as coisas. Eu não vivo naquelas circunstâncias, não posso fazer qualquer afirmação jurídica em relação ao islamismo sobre isso, porque não sou um muçulmano que segue a escola. Ou seja, tenho desentendimentos com o modo que a Al-Qaeda usa suas táticas ao redor do mundo. Não acho produtivo para o objetivo que eles buscam. Mas ao mesmo tempo, o conceito geral, e é sobre isso que eu falava, as pessoas têm o direito de se defender. Não deve ser negado a elas esse direito simplesmente porque os Estados Unidos acreditam ter toda a autoridade moral do mundo. É isso que estou querendo dizer.

MB: Deixe só eu falar algo sobre a *jihad*, porque é um termo usado tão repetidamente sem as pessoas entenderem o que é. Nós apoiamos a *jihad*, vamos admitir isso. O governo britânico apoiou os mujahideens nos anos 70 e 80, e treinou as forças aéreas especiais britânicas em Snowdonia, País de Gales. A Grã-

Bretanha apoiou a *jihad* novamente apenas há alguns meses, quando apoiou a luta mujahideen – eles que se chamam de mujahideen – na Líbia contra o Kadafi. Então existe esse jogo com as palavras em que a mídia fala: “bom, a *jihad* é ruim, a não ser quando dizemos que ela não é”. E esse é o tipo de coisa que nós, como *Cageprisoners*, como uma organização muçulmana, queremos explicar para as pessoas. Que vocês têm sido enganados pelos políticos e pela mídia, quando eles usam esse termo.

JA: Eu queria fazer a vocês duas perguntas provocativas. O que o Bush fez certo? Ele argumentaria que não aconteceram ataques terroristas significantes no território dos Estados Unidos depois de 2001. E como ele conseguiu isso? Bem, se eu argumentasse em seu favor, diria que ele conseguiu isso por meio da vigilância, das prisões preventivas, aterrorizando as pessoas completamente, com os exemplos de Guantánamo, prisões sem julgamento, execuções arbitrárias etc...

MB: Acho que não posso responder o que Bush fez certo. Eu não sei se ele fez alguma coisa certa em relação à guerra ao terror. Teve um Bush anterior a esse e é interessante que existem alguns eruditos da Al-Qaeda na Arábia que realmente disseram apoiar a chegada dele ao poder. Isso é interessante, eles disseram que “estavam felizes que ele chegasse ao poder, que parecia ser alguém com a mesma cabeça que a gente”. E então, claro, ele disse...

JA: Eruditos wahhabies?

MB: Sim, sim. Ele disse que “essa cruzada ia levar um tempo”. E a partir daí deu tudo errado.

JA: E Bin Laden? O que o Bin Laden fez certo?

MB: Bom, se você for lembrar o que ele fez no tempo em que os soviéticos ocuparam o Afeganistão e os americanos o apoiaram, ele fez tudo certo naquele momento. Ele fez tudo certo porque tinha apoio do Ocidente, e isso é a prova. O que ele fez errado...

JA: Eu não quero saber o que o Ocidente acha, mas o que você acha.

MB: Eu sei, eu sei. Eu acho que isso estava certo também, eu acho que estava certo que os afegãos pudessem se libertar com o apoio de todos que estavam ajudando. Eu acho que estava absolutamente certo. Mas no que diz respeito às ordens dos ataques, se foi isso que ele fez, eu ainda... Eu não sei... Na minha cabeça ainda não foi estabelecido porque ele não teve um processo devido. Se foi isso que ele fez, foi errado, porque se tornou uma reação em cadeia da qual ainda não conseguimos nos recuperar desde então.

JA: Mas o que você pensa dele como um líder? Por que teve sucesso?

MB: Primeiro de tudo, eu não sei se ele foi um líder. Eu acho que mito perpetrado da Al-Qaeda, em Magreb, na Europa e em todas as suas franquias, é parte de algo que “se você for dizer que é Al-Qaeda, você será Al-Qaeda”. Mas eu não acho que ela realmente existe da maneira que nos têm dito. Há um grande mito sobre quão grande ela é e sobre seus alcances. Como pessoa, como a figura de um líder para as pessoas, as pessoas sempre viram... Se você for até o mundo muçulmano, as atitudes são diferentes. A maioria não concorda com 11/09, não concorda em atingir civis, e tem acontecido um debate grande no mundo muçulmano. Eles não concordam com isso nem um pouco.

JA: Qual era a visão do mundo muçulmano sobre ele antes de 11 de Setembro? Ele era bem conhecido?

MB: Eu não acho que ele era muito conhecido. Em todo caso, nos países do Golfo, aquelas pessoas que fizeram parte da luta, da *jihad* contra os soviéticos, ele era conhecido naquele círculo, as pessoas definitivamente o conheciam pelo seu sacrifício pessoal, sua integridade e tudo que ele fez, que você não esperaria de um bilionário. Mas depois disso eu acho que a influência dele tem sido vista por... Algo maior do que realmente é. As pessoas... Os Estados Unidos não só atacaram Osama Bin Laden, não foram só atrás dele, eles foram atrás de nações, mataram dezenas de milhares de pessoas nesse processo. Então, Bin Laden pode ter vindo e ido, é irrelevante, porque os sintomas a que Bin Laden se referia ainda estão aí.

JA: Como vocês descreveriam a si mesmos de forma primordial? Como muçulmanos, como libertários, pessoas que gostam de processos legais regulamentados? Intelectuais? O quê?

MB: Todas as alternativas acima.

AQ: Eu acho que tem coisas que não precisam ser necessariamente excludentes. Ser muçulmano significa defender a justiça, ser um pouco radical e também significa ser um pouco conservador. Sabe? Significa todas essas coisas ao mesmo tempo. Deus fala no Alcorão para você ser justo, mesmo que isso vá contra você mesmo. Isso é uma parte muito, muito importante de quem somos, de nosso caráter. Mesmo que signifique apresentar provas contra nós mesmos, em algum sentido, isso é ser justo em qualquer circunstância, é assim que formamos nosso caráter. Em muitos sentidos, a justiça é mais importante que muitas outras coisas.

JA: Na luta pela libertação de indivíduos da prisão, e tendo vocês mesmos sendo presos, e na luta pela libertação de pessoas, vocês acham que isso é incompatível com a submissão a um Deus?

MB: Você está preso, então você tem que lidar com a submissão a outras vontades, outros povos, outros governos.

JA: Bom, fico extremamente desconcertado e irritado. Mas vocês não acham irritante se submeter à vontade de Deus?

MB: Nós todos, como seres humanos, temos que nos submeter a alguma coisa. Nós todos temos que nos submeter a algum tipo de lei. E eu acho... Meu enfoque é sobre o mundo muçulmano, em particular, não sobre o Ocidente. O Ocidente não tem nada para se preocupar sobre nossas comunidades que vivem aqui. Nós entendemos as regras e nos submetemos a elas, mesmo que não gostemos delas em alguns casos. Mas nós estamos falando do mundo muçulmano e eu acho muito importante reconhecer isso, de Magreb até a Indonésia, é uma população enorme. É um quinto da população mundial, e isso é somente a comunidade muçulmana, sem levar em consideração...

JA: Desculpe, mas eles querem o quê? Querem um sistema de leis?

MB: Eles querem, sim, mas eu estou dizendo que eles querem que o Islã ou a religião faça parte da vida deles, nos termos de governabilidade e nos termos da rotina da vida diária. E eu acho que essa é uma escolha que devemos respeitar, e o problema é que nós não temos respeitado isso nos últimos cem anos.

JA: O que você pensa do desejo de unir o povo muçulmano em um Califado islâmico com a ideia central de um sistema da lei Sharia? Vocês veem isso como uma possibilidade?

AQ: Eu acho que agora o modo como estamos vendo a comunidade muçulmana ao redor do mundo se desenvolvendo, especialmente com a Primavera Árabe, que tem dado aos muçulmanos muito o que pensar, você tem fenômenos diferentes emergindo em países diferentes. O que está acontecendo na Tunísia com Rashid Ghanushies é muito, muito diferente do que está acontecendo no Egito, que está agora com a Irmandade Muçulmana e o partido An Núr. Então, o que estamos vendo é que afirmações que fizemos anteriormente, com o que muitos muçulmanos concordariam, como o conceito da união dos muçulmanos, o reestabelecimento de um Califado, é um tipo de posição ortodoxa que nem todas as pessoas sustentam. Mas qual a substância dessas posições? Como isso é formulado no mundo moderno? E nós vemos muçulmanos ao redor do mundo, com o que está acontecendo na Tunísia, no Egito, o que vai acontecer na Líbia, agora que tentam se organizar melhor esses caras vão ter de verdade, pela primeira vez, a autoridade de tentar, em uma forma normativa, equilibrar o que o Islã ou a Sharia requerem dos muçulmanos com o fato de se viver em um mundo ocidental, um mundo moderno.

JA: Como é o sistema ideal para vocês? A lei comum? A lei da Sharia? Alguma mistura entre os dois?

MB: Essas são grandes questões, e nós geralmente lidamos apenas com pessoas detidas sem acusações ou julgamento. Nos atemos a isso. Não é parte do nosso trabalho resolver os problemas do mundo. Falando em nível pessoal, acho que esse é o grande medo. Quando se fala de um sistema como o Califado, todos ficam morrendo de medo. Mas na essência, seria uma união de países onde todos falam árabe. Pelo amor de Deus, se na Europa, onde você tem 15 línguas diferentes, as pessoas estão tentando se unir, sem Estados, e ter uma única moeda...

JA: Eles estão tentando fazer o que você disse, a União Europeia, o que me causa certo pesar, na verdade.

MB: Claro, claro que sim. E em relação a extradições, houve a permissão de as pessoas sejam movidas livremente.

JA: Eu não acho que grandes super-países são modelos a seguir...

MB: Mas aqui a diferença do que eu estou falando é: que o que liga o Marrocos ao Iraque? Quais são as ligações? São culturais e, mais importante, a língua. Você pode ir ao Marrocos e falar árabe. Pode falar árabe em todo e cada país. E isso é um instrumento de criação de uma sociedade. O que nos separa na Europa é primariamente a língua. Então você já tem isso, porque historicamente costumava estar ali antes. E se você olhar os países...

JA: Eles sempre falaram árabe. Então, qual seria a novidade?

MB: A novidade seria que a unidade não seria baseada no nacionalismo. E essa seria a diferença, porque era desse jeito antes. O nacionalismo só foi instalado depois que alguém veio e desenhou uma linha no mapa da África e disse “você é a Líbia”, “você é a Argélia” e assim por diante. E se no contexto moderno é possível que eles voltem para algo que permita esse tipo de unidade, isso os fortaleceria bastante, e é isso que o Ocidente teme, porque existiria outra grande potência estabelecida. E esse é um obstáculo que não se quer.

JA: E sobre o tipo de lei vocês vislumbram?

AQ: Bom, o que quero dizer, é... veja...

JA: Eu não falo que seria prático estabelecer algo agora. Quero dizer, se fossem Alá por um dia, o que vocês fariam?

AQ: Nós não usamos esses termos de referência, mas o Islã é um sistema normativo legal, assim como qualquer outro. Temos uma norma estipulada como qualquer outro sistema normativo em qualquer lugar do mundo. Então, para nós, existe uma lei à qual devemos seguir. De muitas maneiras, a maioria das reclamações são sobre como o Islã é implementado, como a Sharia é

implementada, porque vai totalmente contra o que o sistema legal prega. Então, por exemplo, quando você considera o apedrejamento por adultério, o requerimento de provas é de quatro testemunhas vivas que tenham presenciado a relação sexual no momento em que aconteceu. Do ponto de vista de obter provas, é quase impossível obter essa prova, a não ser que se trate de algum tipo de festa pervertida. É muito, muito difícil estabelecer esse tipo de critério, porque o que deve...

JA: E se espera que sejam castigados com o apedrejamento até a morte?

AQ: O fato de você ter a punição acontecendo significa que a o Estado de Direito está sendo abusado em algum ponto. Porque é impossível determinar esse padrão de provas...

JA: Vocês concorda com apedrejamento até a morte?

AQ: A questão é que isso nunca esteve em vista.

JA: Mas você concorda?

AQ: Eu concordo com o conceito islâmico de como nós praticamos nossas punições, falando no geral, de que são feitas. Sejam aplicáveis ou não.

JA: Mas isso é importante. Então, os *Cageprisoners*... tem uma diferença entre suas opiniões pessoais e os *Cageprisoners*, eu aceito isso.

AQ: Essa é puramente a minha opinião pessoal.

JA: Claramente, sua opinião é que a pena de morte é aceitável?

AQ: Da perspectiva islâmica, contanto que todo o processo devido seja cumprido para provar o adultério, então pode ser aceitável, dependendo dos elementos que estão lá.

MB: O que acontece quando as pessoas discutem sobre a Sharia é que todos discutem sobre o crime e sua punição, a punição *hadud*. Então o que estamos falando aqui é a punição *hadud*, é um dos aspectos da punição. E isso não é a Sharia. A lei islâmica, a Sharia, é a lei.

JA: Sim, é todo o processo legislativo...

MB: É todo o processo. E nenhum de nós está qualificado para falar do jeito que deveria ser discutido, nos termos de um país se estabelecendo e formulando essas regras. Nenhum país tem aplicado essas regras desde a queda do Califado Otomano. É na essência, uma discussão teórica, isso é algo que temos que desenvolver.

JA: Vocês acham que essa ideia de voltar aos Otomanos e ao Califado Otomano... Com a ausência de um Estado islâmico em que a maioria das pessoas gostaria de viver... Você concorda com isso, que na verdade não são muitos? Talvez o Omã, não tenho certeza...

MB: Deixe eu te contar algo muito interessante. Quando o Califado foi abolido...

JA: O Califado Otomano?

MB: Sim, quando o Califado Otomano foi abolido, uma das primeiras pessoas a defendê-lo foi Mahatma Gandhi. Porque ele entendeu que esse sistema era algo essencial para a história islâmica. Então acho que o chamado para estabelecer um Califado, talvez nem usando essa palavra, mas um bloco muçulmano unido é algo que a maioria das pessoas iriam querer.

JA: Você não acha que os tunisianos iriam pensar “nós somos muçulmanos, nós vivemos na Tunísia, falamos um pouco de francês, um pouco de árabe, e nós queremos autodeterminação”. E autodeterminação se consegue ao não se aproximar demais do Egito porque eles são mais numerosos...

MB: Eu acho que, claro, os árabes tentaram formar diferentes organizações de unidade árabe. Mas isso vai além da união árabe, isso tem a ver com a união islâmica e inclui turcos, iranianos, paquistaneses, indonésios... É enorme, é gigante.

JA: Mas por que ter uma unidade?

MB: Bem, por que a Europa gostaria de se unir? A questão da unidade é que...

JA: Eu acho que a Europa quis se unir, na verdade, por uma armação dos Estados Unidos de criar os Estados Unidos da Europa, que seria economicamente poderoso para combater a União Soviética. Acho que esse é o porquê.

MB: E eu penso que o porquê da razão...

JA: E agora, agora é um bloco de mercado.

MB: Certo. A razão para união provavelmente seria econômica, claro, de defesa, claro, e, sabe... Voltando para a história sobre um lugar onde você pode viajar de um ponto a outro sem nada nas mãos, porque você é um cidadão nessa terra e ela não é dividida com base nos princípios coloniais.

JA: Você tem um passaporte muçulmano, e você é livre para...

MB: Eu não sei.

AQ: Não sei se bem isso.

MB: Mas seria o mesmo que você tem na Europa, a possibilidade de viajar pela Europa livremente.

JA: Você tem o direito de trabalhar...

MB: Certo, isso, certo.

AQ: Possivelmente, né? Vamos ver.

JA: Ok. E agora vamos voltar ao *Cageprisoners*. Existe todo o tipo de coisa pra se fazer na vida. Por que vocês fazem o *Cageprisoners*? Assim?

AQ: Sou um advogado corporativo, mas me vejo mudando radicalmente. Vendo Guantánamo, vendo detenções sem acusações no Reino Unido, os atos de extradição... Todas essas coisas se combinam e mostram que a lei tem sido abusada aqui. E para um fim bem específico. Isso me convenceu de que eu deveria estar envolvido em algo que estivesse trabalhando contra essas políticas. O *Cageprisoners* é uma voz importante para os muçulmanos, é uma voz que dá poder, é uma voz que, nós esperamos, diz aos muçulmanos que eles podem se defender, podem defender a coisa certa, sem sentir que estão cometendo algum crime.

MB: Para mim é óbvio. É parte de algo que me afetou, é algo que constantemente... Mesmo se eu não quisesse, me afetaria até hoje. Então, é algo que... Acho que as pessoas diriam que é culpa de sobrevivente, que você sobreviveu a um trauma e que outras pessoas naquela mesma situação não estão sobrevivendo, então você tem a obrigação de lutar por eles. Eu sinto que tenho não somente uma obrigação moral e religiosa, mas também um dever baseado na minha experiência e habilidade pessoal. Se eu sei que posso fazer, então eu tenho que fazer. E eu acho que posso fazer.

TRADUÇÃO: *Jessica Mota / Luciano Onça*
Agência Pública - apublica.org